v7.n10.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

# FUTURO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DA VILA SANTO ANTONINO, LOCALIZADA EM ITUPIRANGA, PARÁ, BRASIL: UM ESTUDO DE CASO ENVOLVENDO UMA QUEBRADEIRA DE COCO BABAÇU, UM PROFESSOR E UM ESTUDANTE

## *FUTURE OF THE TRADITIONAL KNOWLEDGE OF BABASSU COCONUT BREAKERS FROM VILA SANTO ANTONINO, LOCATED IN ITUPIRANGA, PARÁ, BRAZIL: A CASE STUDY INVOLVING A BABASSU COCONUT BREAKER, A TEACHER AND A STUDENT*

## *FUTURO DEL CONOCIMIENTO TRADICIONAL DE LOS ROMPECOCOS BABASSÚ DE VILA SANTO ANTONINO, UBICADO EN ITUPIRANGA, PARÁ, BRASIL: UN ESTUDIO DE CASO QUE INVOLUCRA A UN ROMPE-COCOS BABASSÚ, UN PROFESOR Y UN ALUMNO*

Alejandro Ribeiro Ferreira[1]

e7109272
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i10.9272

PUBLICADO: 10/2026

**RESUMO**

Este estudo de caso analítico buscou responder à pergunta de pesquisa: “como está o envolvimento das novas gerações na perpetuação do conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu do povoado Santo Antonino, em Itupiranga/PA, Brasil, no ano de 2026?”. Nesta investigação, participaram três pessoas: Cícera da Silva, Cleison Silva Portela e Paulo Ricarto da Silva. O objetivo geral foi compreender o *status* da participação juvenil com os saberes em questão. Os objetivos específicos foram: I – Identificar, nos relatos dos participantes, o estado de envolvimento da juventude com o conhecimento das trabalhadoras da comunidade Santo Antonino e os motivos que levam à baixa participação dessa população com o saber supracitado; II – interpretar e analisar as causas apresentadas, buscando explicar a maneira como elas levam à baixa participação dos jovens com o conhecimento das extrativistas; III – propor medidas de intervenção. Utilizou-se o procedimento bibliográfico e o documental para fundamentar as hipóteses e construir parte do referencial teórico. Os relatos dos entrevistados receberam abordagem e análise qualitativa simples. Acreditou-se que os saberes das mulheres já citadas estavam deixando de existir. Confirmou-se essa hipótese, já que se evidenciou uma possível interrupção geracional da sua cultura, e, como o objetivo deste trabalho é exploratório e analítico, propuseram-se medidas para prevenir o cenário de futura extinção do saber tradicional em pauta.

**Palavras-chave:** Quebradeiras de coco babaçu. Vila Santo Antonino. Extinção de conhecimento tradicional. Perpetuação geracional.

***ABSTRACT***

*This analytical case study sought to answer the research question: "how is the involvement of the new generations in the perpetuation of the traditional knowledge of the babassu coconut breakers of the Santo Antonino village, in Itupiranga/PA, Brazil, in the year 2026?". Three people participated in this investigation: Cícera da Silva, Cleison Silva Portela and Paulo Ricarto da Silva. The general objective was to understand the status of youth participation with the knowledge in question. The specific objectives were: I – To identify, in the participants' reports, the state of involvement of youth with the knowledge of workers from the Santo Antonino community and the reasons that lead to the low participation of this population with the knowledge mentioned above; II – to interpret and analyze the causes presented, seeking to explain how they lead to the low participation of young people with the knowledge of extractivists; III – To propose intervention*

[1]Estudante do 2º ano do ensino médio, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Albertina Barreiros, Itupiranga, Pará, Brasil.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

*measures. The bibliographic and documentary procedure was used to support the hypotheses and build part of the theoretical framework. The reports of the interviewees received a simple qualitative approach and analysis. It was believed that the knowledge of the women already mentioned was ceasing to exist. This hypothesis was confirmed, since a possible generational interruption of their culture was evidenced, and, as the objective of this work is exploratory and analytical, measures were proposed to prevent the scenario of future extinction of the traditional knowledge in question.*

***KEYWORDS**: Babassu coconut breakers. Village Santo Antonino. Extinction of traditional knowledge. Generational perpetuation.*

***RESUMEN***
*Este estudio de caso analítico buscó responder a la pregunta de investigación: "¿cómo es la implicación de las nuevas generaciones en la perpetuación del conocimiento tradicional de los rompedores de coco babassú de la aldea Santo Antonino, en Itupiranga/PA, Brasil, en el año 2026?". Tres personas participaron en esta investigación: Cícera da Silva, Cleison Silva Portela y Paulo Ricarto da Silva. El objetivo general era comprender el estado de la participación juvenil con el conocimiento en cuestión. Los objetivos específicos fueron: I – Identificar, en los informes de los participantes, el estado de implicación de la juventud con el conocimiento de los trabajadores de la comunidad de Santo Antonino y las razones que conducen a la baja participación de esta población con el conocimiento mencionado anteriormente; II – Interpretar y analizar las causas presentadas, buscando explicar cómo conducen a la baja participación de jóvenes con conocimientos de extractivistas; III – Proponer medidas de intervención. Se utilizó el procedimiento bibliográfico y documental para respaldar las hipótesis y construir parte del marco teórico. Los informes de las entrevistadas recibieron un enfoque y análisis cualitativos sencillos. Se creía que el conocimiento de las mujeres ya mencionadas estaba dejando de existir. Esta hipótesis se confirmó, ya que se evidenció una posible interrupción generacional de su cultura y, dado que el objetivo de este trabajo es exploratorio y analítico, se propusieron medidas para evitar el escenario de futura extinción del conocimiento tradicional en cuestión.*

***PALABRAS CLAVE**: Babassú rompecocos. Pueblo Santo Antonino. Extinción del conocimiento tradicional. Perpetuación generacional.*

## 1. INTRODUÇÃO

Em um contexto histórico, desde a I Revolução Industrial, no século XVIII, o planeta vem sofrendo com as consequências do capitalismo extremo, caracterizado pela exploração exacerbada dos recursos naturais e pela destruição dos ecossistemas (Guitarrara, 2025). Frente a isso, foi somente após as notáveis catástrofes ambientais da atualidade, as quais estão pondo em risco as populações humanas e evidenciando um colapso global, que se expressou a preocupação quanto ao futuro do globo. Portanto, como denota Guitarrara (2025), evidenciou-se a necessidade de um desenvolvimento sustentável, o qual prevê o crescimento econômico ligado à preservação ambiental.

Para que esse desenvolvimento ocorra, os saberes tradicionais, como o das quebradeiras de coco babaçu, são de relevância significativa (Brasil, [2022?]). A respeito dessas



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

extrativistas, os produtos gerados pelo coco babaçu, como o azeite e o mesocarpo, podem substituir ingredientes petrolíferos, que são de origem não sustentável, tanto em cosméticos quanto em sacolas plásticas (Ferreira, 2026a), demonstrando o potencial da bioeconomia dessas mulheres para a manutenção dos padrões de consumo e a promoção, simultaneamente, da sustentabilidade. Entretanto, suas contribuições não se limitam à satisfação econômica e consumista, uma vez que seu trabalho é de extrema relevância para a preservação ambiental na região amazônica.

Acerca disso, ao tomar consciência da importância do saber tradicional dessas mulheres e olhar para a realidade das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, localizada no município de Itupiranga, no estado do Pará, Brasil, observa-se um preocupante cenário em que esse conhecimento, no futuro, poderá ser extinto, dada a interrupção da sua transmissão geracional[2]. Sendo assim, é fulcral olhar cientificamente para essa situação, a fim de que medidas de intervenção possam ser formuladas e aplicadas na prática, impedindo a extinção dos saberes em questão. Porém, a escassez de trabalhos e registros acadêmicos sobre essa temática se torna um desafio, visto que simboliza a pouca urgência para tratar o problema. Logo, a iniciativa deste trabalho de evidenciar o caráter urgente do tema, assim como propor ações preventivas, é a justificativa para sua existência.

Para a viabilização deste estudo de caso, formulou-se a seguinte pergunta de pesquisa: “como está o envolvimento das novas gerações na perpetuação do conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, em Itupiranga/PA, Brasil, no ano de 2026?”

O objetivo geral é compreender o *status* da participação juvenil com o saber tradicional já citado. Contudo, ressalta-se que, devido à complexidade do verbo utilizado, apenas descrever se os jovens estão se envolvendo ou não com o conhecimento em questão não é suficiente, sendo necessária uma análise crítica da realidade em evidência. Para alcançá-lo, formularam-se três objetivos específicos, sendo eles: I – Identificar, nos relatos dos participantes da pesquisa, o estado de envolvimento da juventude com o conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu da comunidade Santo Antonino e os motivos que levam à baixa participação dessa população com o saber supracitado; II – interpretar e analisar as causas apresentadas, buscando explicar a maneira como elas levam à baixa participação dos jovens com o saber das extrativistas; III – propor medidas de intervenção.

Quanto à divisão deste artigo, o Referencial Teórico irá reforçar a importância dos saberes das quebradeiras de coco babaçu e explanar sobre o universo de pesquisa, que é a comunidade Santo Antonino. A seção “Métodos” descreverá o esqueleto metodológico da

[2]Gomes (2024), em sua pesquisa realizada em Codó, no estado do Maranhão, demonstra preocupação semelhante.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

investigação, evidenciando o objetivo, a finalidade, a abordagem, os aspectos éticos e os procedimentos utilizados na pesquisa. Em Resultados, serão expostos os relatos dos entrevistados. Na Discussão, ocorrerá a interpretação e a análise desses dados, além do desenvolvimento das hipóteses. As considerações finais, por fim, consistirão em uma retrospectiva conclusiva, que irá discorrer sobre o alcance dos objetivos inicialmente traçados, das dificuldades enfrentadas durante o estudo, das vantagens metodológicas e das recomendações futuras.

De maneira geral, acredita-se que as novas gerações descendentes das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino não estão contribuindo para a perpetuação de seu conhecimento tradicional, colocando-o em risco de extinção, como será visto adiante. As demais hipóteses referem-se aos motivos apresentados pelos entrevistados a essa falta de participação e às propostas preventivas.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Importância das quebradeiras de coco babaçu

As quebradeiras de coco babaçu são uma comunidade tradicional, que sobrevive da palmeira babaçu e de seu fruto, o coco babaçu, o qual é transformado em uma variedade de produtos alimentícios – azeite, farinha de mesocarpo e leite vegetal –, de limpeza – sabão e sabonete – e até mesmo em artesanato – cordões, pulseiras e brincos –, proporcionando às mulheres extrativistas uma fonte de renda e uma ajuda no sustento caseiro (Ferreira, 2026a).

Todas as plantas, sem exceção, são essenciais para o bom funcionamento da natureza. Frente a isso, a *Attalea speciosa* apresenta uma característica que é essencial para o estado ambiental atual: a fácil capacidade de proliferação (Mitja; Miranda, 2022). Dados atualizados do Ministério do Meio Ambiente mostram que os índices de desmatamento de agosto de 2025 a julho de 2026 tiveram uma redução significativa, mas que algumas regiões, como Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí, por exemplo, ainda continuam com números alarmantes, variando de 568,23 km² a 1.276,92 km² de área desmatada (Brasil, 2026). Esses estados integram a Mata dos Cocais, região com abundante presença da palmeira babaçu. Portanto, dada a característica dessa planta, nota-se o seu potencial para revigorar as florestas dessas regiões em tão pouco tempo, o que é essencial para combater o aquecimento global e as mudanças climáticas extremas nessas localidades.

Muito além do que apenas um grupo extrativista, as quebradeiras de coco babaçu são um dos símbolos de sustentabilidade da região correspondente à Mata dos Cocais, já que é



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

devido à sua existência que há a Lei do Babaçu Livre, a qual defende a proibição da derrubada e da queimada da palmeira babaçu, assim como o acesso irrestrito das mulheres em questão aos babaçuais (MIQCB, 2024). Dessa forma, as quebradeiras de coco babaçu desempenham um papel fundamental na preservação ambiental e no desenvolvimento sustentável regional e global, estando plenamente de acordo com a Agenda 2030, que é um programa criado pela ONU – Organização das Nações Unidas – para alcançar a sustentabilidade global, nos seguintes ODS: 11 – cidades e comunidades sustentáveis, 12 – consumo e produção responsáveis, 13 – combate às alterações climáticas, 14 – vida marinha – e 15 – vida terrestre.

**2.2. Vila Santo Antonino**

Segundo a versão histórica de Manuel Gomes Neto, o qual foi representante regional na época, a região conhecida como vila Santo Antonino começou a ser povoada durante os anos de 1986 e 1987, após a conclusão da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, em 1984, a qual ocasionou a elevação do nível dos rios Cajazeiras e Tocantins, obrigando os moradores e fazendeiros das proximidades a abandonarem suas terras e habitarem essa localidade, que ficou caracterizada como ilha, visto que é rodeada pelos rios já citados. Os indivíduos que buscavam refúgio nessas terras começaram a se organizar e planejar a formação de um povoado, ação que foi corroborada pelos proprietários de imóveis rurais dos arredores, os quais começaram a vender porções de seus terrenos para novos residentes do local. Após isso, com a ajuda dos madeireiros, abriu-se uma estrada para o Cajazeiras, distrito do município de Itupiranga, estado do Pará, Brasil.

Atualmente, estima-se uma quantidade de 102 pessoas que residem na comunidade. Quanto à infraestrutura, além das casas dos residentes, há somente uma escola pública e uma mercearia. Do povoado ao distrito é cerca de 10 km, enquanto a sua distância para a cidade é de 42 km. As principais atividades econômicas da localidade são a pesca, a extração do coco babaçu e a agricultura familiar, a exemplo da fabricação de farinha de mandioca. As atividades das quebradeiras de coco babaçu se intensificaram na vila quando Cícera da Silva (ver a subseção 4.1) começou a reunir mulheres para criar um grupo de extrativistas em prol de uma amiga. Após isso, a comunidade ficou caracterizada pelo trabalho dessas mulheres.

Em termos conceituais, o correto seria a denominação povoado Santo Antonino, que na definição do Dicionário InFormal (2006-2026) significa um “pequeno número de pessoas que habitam uma região”, e não vila, uma vez que ela se refere a um conjunto habitacional mais complexo, porém menor que a cidade. Entretanto, em respeito à forma tradicional como seus moradores o chamam, isto é, vila Santo Antonino, adotou-se, como sinônimos, essa expressão, além dos termos comunidade e localidade.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

## 3. MÉTODOS

Esta pesquisa utilizou o procedimento bibliográfico e o documental. A bibliografia baseou-se em artigos científicos que, da mesma forma que a parte documental, serviram apenas para sustentar as hipóteses, haja vista que, dada a especificidade deste estudo, não houve necessidade de obras centrais. Mas, de maneira geral, os escritos acadêmicos foram utilizados para abordar conceitos e perspectivas, enquanto os documentos foram úteis para descrever leis e políticas governamentais.

Além disso, a presente investigação caracteriza-se como um estudo de caso[3]. Com base em Coimbra e Martins (2013), esse método de pesquisa permite estudar um fenômeno social em um contexto particular em um dado tempo (Stake, 1978, p. 258 *apud* Coimbra; Martins, 2013), permitindo conhecer profundamente, interpretar e até mesmo transformar uma realidade social específica. Baseado nisso, buscou-se investigar o fenômeno de extinção de um conhecimento tradicional: o das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, município de Itupiranga/PA – Brasil, no ano de 2026, haja vista que se observou uma preocupação quanto ao possível esquecimento desse saber. Frente a isso, propuseram-se medidas para prevenir o preocupante cenário observado.

Nesse sentido, o método em questão pode ter vários tipos, entre eles o tipo analítico, que é o utilizado neste estudo (Yin, 2001 *apud* Coimbra; Martins, 2013). Segundo o autor citado por Coimbra e Martins (2013), esse modelo estuda uma realidade e, com base em suas evidências, a analisa e problematiza, permitindo a formulação de hipóteses. Sendo assim, não se buscou apenas descrever o envolvimento juvenil com os saberes tradicionais das mulheres extrativistas da vila Santo Antonino, mas analisá-lo e problematizá-lo, criando hipóteses explicativas e propondo alternativas para o problema encontrado. Em suma, o objetivo desta pesquisa não é simplesmente exploratório, mas analítico.

Para o levantamento de dados foram entrevistadas três pessoas: o professor Paulo Ricarto da Silva, a extrativista de coco babaçu Cícera da Silva e o jovem Cleison Silva Portela. Justifica-se a participação dessas três pessoas específicas pela necessidade de vários ângulos de visão, não se tratando de opiniões pessoais, mas de diferentes pontos de observação da mesma realidade: Cícera, como liderança das extrativistas da comunidade; Cleison, como jovem residente do povoado e integrante do MIQCB; e o profissional da educação Paulo, que

[3] Inspirado no TCC de Gomes (2024), a qual realizou um estudo de caso sobre as quebradeiras de coco babaçu para revelar a importância do seu conhecimento para a promoção da educação ambiental.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

desenvolveu um projeto na escola em que trabalha sobre essas mulheres. A respeito disso, os entrevistados que residem em Santo Antonino trabalham e convivem diretamente com a juventude da comunidade, possuindo mais informações para descrever o envolvimento dessa população com os saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu. Ricarto, por sua vez, embora não resida na vila, já desenvolveu projetos com o seu público juvenil, de modo que suas observações como pesquisador foram consideradas relevantes para esta investigação.

Dadas as características do modelo metodológico apresentado, o instrumento de coleta de dados oportuno foi a entrevista semiestruturada[4], a qual, conforme Gerhardt *et al*. (2009, p. 72), consiste em uma lista de perguntas estabelecidas que permite aos entrevistados responderem livremente. De modo geral, os questionamentos serviram para evidenciar a relação dos participantes do estudo com as quebradeiras de coco babaçu da comunidade Santo Antonino, validando suas respostas quanto ao envolvimento juvenil com o saber supracitado. No roteiro de questões do Cleison, especificamente, houve traços de entrevista orientada, que é, segundo os mesmos escritores, caracterizada por orientar o entrevistado a responder indagações as quais o entrevistador já sabe antecipadamente o que irá obter, referindo-se, particularmente, ao questionamento sobre as atividades relacionadas ao conhecimento tradicional das extrativistas que Portela desempenhava na vila em questão.

As entrevistas com a Cícera e o Cleison, por morarem longe da cidade, ocorreram virtualmente por meio do aplicativo de mensagens *WhatsApp*, o qual permitiu que a comunicação dos entrevistados fosse tanto por áudio quanto por mensagem digitada. As mensagens digitadas foram preservadas, enquanto os áudios foram transcritos mediante o auxílio da ferramenta de transcrição Blip ViraTexto. A entrevista com o Paulo Ricarto, por morar na zona urbana, ocorreu presencialmente, sendo gravada e transcrita pelo aplicativo e ferramenta já citados.

A subseção 2.2 foi baseada na versão de Manuel Gomes Neto sobre a história da vila Santo Antonino e em outra entrevista feita com Cícera da Silva, mediante perguntas relacionadas às características dessa comunidade – população, infraestrutura e economia.

Todos os participantes autorizaram, por meio da assinatura do Termo de Autorização para Participação e Divulgação de Informações Pessoais, que seus nomes, suas histórias de vida e seus relatos fossem divulgados neste artigo.

Por pressupor a “interpretação da realidade pelo investigador” (Coimbra; Martins, 2013, p. 33), o estudo de caso analítico prevê uma abordagem qualitativa. Desse modo, os relatos coletados receberam uma análise qualitativa simples, em que foi dada ênfase aos relatos

[4] Tal qual Gomes (2024), que, a fim de realizar o seu estudo de caso sobre as quebradeiras de coco babaçu, utilizou a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados. Além disso, algumas perguntas do seu roteiro serviram de inspiração para formular a lista de questões deste artigo.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

relacionados ao envolvimento juvenil com o saber tradicional das quebradeiras de coco babaçu, a fim de verificar se há interação da juventude ou não com o conhecimento dessas mulheres, explorando, além disso, os motivos identificados para a falta de participação desse público, como será visto no decorrer do estudo.

Como um trabalho que almeja fazer a diferença na realidade das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, o seu objetivo é básico-estratégico, já que se busca incentivar outras pesquisas que possam explorar ainda mais o contexto e as propostas apresentadas, a fim de gerar ações concretas.

Utilizou-se a Inteligência Artificial Perplexity apenas para auxiliar na correção ortográfica e gramatical e indicar os erros de concordância verbal e nominal presentes no texto, além de pedir sugestões quanto à estrutura escrita e ao vocabulário adequado para o gênero textual.

**Perguntas feitas à Cícera da Silva:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Onde você nasceu e cresceu?
4. Você tem alguma formação? Se sim, em qual instituição?
5. Quando foi que você começou as atividades de quebradeiras de coco babaçu? Você ainda pratica esse trabalho?
6. A renda proveniente do trabalho de quebradeira de coco babaçu é suficiente para o seu sustento ou é necessário rendas auxiliares?
7. Como você definiria o envolvimento das novas gerações nos saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu? Justifique sua resposta.
    - Direcionamento: se a juventude se envolve ou não, se o envolvimento é pouco ou muito, por exemplo.
8. No seu ponto de vista, quais são os motivos desse envolvimento ou falta de participação?
9. Considerando as perguntas anteriores, quais são as formas de participação da nova geração nos saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, quando há envolvimento?

**Perguntas feitas ao Cleison Silva Portela:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Onde você nasceu e cresceu?
4. Você tem alguma formação? Se sim, em qual instituição?



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

- Direcionamento: “ensino fundamental incompleto ou completo, ensino médio completo ou incompleto, ensino superior – especificar a área e universidade.”

5. Como você conheceu as quebradeiras de coco babaçu?
6. Você desenvolveu e/ou participa de projetos voltados às quebradeiras de coco babaçu?
7. Nessas viagens que você faz, há muitos jovens? Com relação à quantidade de jovens, você definiria como razoável, muito ou pouco?
8. Em relação ao seu envolvimento com o conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu, há mais alguma outra atividade relacionada a esse conhecimento que você pratica?
   - Direcionamento: “ex.: ajudar a preparar o mesocarpo de babaçu.... caso seja possível, peço que me informe os detalhes das suas atividades”

8.1 Quais são os equipamentos que vocês levam para coletar o coco babaçu?
8.2 Quando você vai quebrar o coco babaçu, que equipamentos utiliza?
8.3 Como é o processo de retirar a massa do mesocarpo de babaçu?
8.4 Qual é o procedimento que você utiliza para fabricar o carvão?

9. Como você definiria o envolvimento das novas gerações com os saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu na comunidade em que você vive? Justifique sua resposta.
10. Como jovem que faz parte dos movimentos relacionados ao MIQCB, você se sente sozinho no sentido de que é somente você que realmente se dedica ao conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu?
11. No seu ponto de vista, quais são os motivos dessa falta de envolvimento dos jovens ou falta de participação?
12. Com a sua convivência com o coco babaçu e a comercialização de seus produtos, você considera a renda proveniente do comércio dessa amêndoa suficiente para o sustento, ou é necessário rendas auxiliares?

**Perguntas feitas ao Paulo Ricarto da Silva:**

1. Qual é o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Onde você nasceu e cresceu?
4. Qual é a sua formação? Em qual universidade?
5. Como você conheceu as quebradeiras de coco babaçu?



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

6. Qual é a sua relação com essas mulheres extrativistas, especialmente as da vila Santo Antonino?
7. Você desenvolveu e/ou participa de projetos voltados às quebradeiras de coco babaçu?
8. Caso você se identifique como pesquisador dessa área, como definiria o envolvimento das novas gerações nos saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, principalmente nos projetos que você participa? Justifique sua resposta.
9. No seu ponto de vista, quais são os motivos desse envolvimento ou falta de participação?

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Cícera da Silva

Cícera da Silva tem 52 anos de idade, nasceu no município de Barra da Corda, no estado do Maranhão, em um povoado chamado Lagoinha. Aos oito anos, a entrevistada mudou-se para o estado do Pará, e cresceu, até os doze anos, em Cajazeiras. Após esse período, ela foi morar em Brasília, onde permaneceu por dois anos e oito meses, e, logo em seguida, retornou ao território paraense, casou-se, e passou a residir na vila Santo Antonino.

Quanto à sua formação, Cícera expressa-se: “Sabe... eu aprendi com a vida... o mundo que me ensinou tudo o que eu sei...”. Entretanto, por mais numerosos que fossem os desafios, a extrativista nunca desistiu de acreditar no poder do ensino e ingressou na instituição de ensino Nova Jerusalém, localizada na própria comunidade e anexada à escola Augusto dos Anjos, da vila Tauiry, na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. Nesse ambiente pedagógico, a quebradeira de coco babaçu concluiu a quarta etapa do EJA, e, pelo fato de a escola do povoado suportar somente até essa fase, a entrevistada teve seus estudos interrompidos, já que as fases seguintes só estavam disponíveis no distrito de Cajazeiras, de modo que a falta de transporte dificultou o deslocamento, como explica Cícera:

> “Aí só tem o EJA pra mim em Cajazeiras, mas a gente não tem transporte e é à noite, né? Aí até que a gente combinou que a gente ia, porque não é só eu que ficou sem estudar. Tem mais umas oito, nove pessoas que também não têm professor pra nós aqui. E a professora que tá ensinando, ela não aceita, nós que já passamos, né, na quarta etapa, e ficar junto com os outros alunos”.

Embora seja a liderança das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, a entrevistada expõe que nem sempre desempenhou esse ofício de extrativista:

> “Então, eu comecei a atividade de quebradeira em 2018, eu me inspirei em uma companheira aqui da comunidade, que ela quebrava coco sozinha, e aí eu via que, assim, as outras mulheres tinham necessidade, mas não tinha



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> atividade para ganhar um extra, e aí eu conversando com umas colegas, a gente combinou de formar um grupo para, junto, a gente quebrar coco, para ajudar a companheira. Aí elas quebravam o coco, tiravam o azeite e eu vendia. E aí fomos crescendo. De quatro, chegamos a um grupo de quarenta e duas mulheres quebradeira. Quando foi em 2019, a gente fez o primeiro evento, Encontro de Quebradeira da Comunidade. E daí, para cá, é só alegria. Quebrar coco, vender azeite, viajar e seguir a vida de quebradeira, que o que eu mais amo fazer é quebrar coco".

Sendo assim, a entrevistada somente teve contato com os saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu muito tempo depois de voltar de Brasília para a comunidade onde reside atualmente, em que, ao tentar ajudar uma amiga extrativista, organiza um grupo de trabalhadoras na própria vila. Acerca disso, atualmente, Cícera denota que o grupo antes formado sofreu alterações:

> "Foi dividido, porque ficou um grupo na comunidade cajazeirinha, porque as mulheres lá do cajazeirinha ela fazia parte do nosso grupo. Como lá é uma comunidade também, então a gente resolveu dividir para as mulheres do cajazeirinha, formar um grupo lá no cajazeirinha, e as mulheres da comunidade ficar, fechar um grupo aqui na comunidade. Aí hoje tem um grupo de quebradeira também lá no cajazeirinha, inclusive já teve um evento lá, um encontro lá, e assim ficou dividido. Hoje a gente tem umas 22 mulheres aqui na comunidade que quebram coco, o restante ficou no cajazeirinha".

Portanto, a comunidade em questão, após a divisão explicada pela entrevistada, conta com um grupo de, aproximadamente, vinte e duas extrativistas do coco babaçu, do qual Cícera da Silva, frente ao MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu –, assume o título de liderança da população tradicional. Além disso, todos os anos, a vila Santo Antonino, com seu grupo de mulheres trabalhadoras, sedia um evento em celebração ao Dia Nacional da Quebradeira de Coco Babaçu, que ocorre em 24 de setembro. Nesse dia, quebradeiras de coco babaçu das proximidades do Pedral do Lourenção, das vilas Praia Alta, Volta Redonda e Piranheira, de outros municípios, a exemplo de Nova Ipixuna e Marabá, e até mesmo de localidades do estado do Maranhão participam do momento celebrativo.

Com relação ao envolvimento das novas gerações com os saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, Cícera responde:

> "O que eu vejo, [...], é que os jovens... eles não querem fazer o que a gente faz, sabe... é... é só uma tradição que não vai ser passada... de pai para filho, de avó para neto... porque os jovens de hoje... a maioria... eu digo assim... da minha comunidade e das comunidades que eu já visitei... todos os eventos que



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> eu participo... é minoria de jovem... sabe... cada comunidade que tem 30, 40 jovens... um ou dois participa. Então, assim... eu creio que se continuar assim... se não tivesse um... como eu posso falar... um ensinamento... um acompanhamento... sabe... com os jovens ensinando... mostrando... que tradição não pode morrer... vai acabar. Porque os jovens eles não querem fazer o que a gente faz, sabe... eles têm vergonha... sabe... na minha comunidade quando a gente faz uma viagem para fazer um curso... é um ou dois que participam... e às vezes quando pega a tarefa para fazer eles nem fazem. Então assim... eu... sinceramente... nesse ponto aí eu fico bem triste... [...]".

Como liderança de um grupo de extrativistas, Cícera da Silva expressa sua tristeza ao observar a desvalorização e o futuro esquecimento das práticas e saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, haja vista que ela enfatiza numericamente a quantidade total aproximada de jovens em uma comunidade e o pequeno percentual que realmente se envolve com o conhecimento tradicional supracitado.

Em um primeiro momento, ao ser questionada sobre os motivos que, em sua opinião, justificavam essa falta de participação das novas gerações com os conhecimentos tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, a entrevistada expressa-se:

> "[...] no meu ponto de vista... são... os pais que hoje não têm mais autoridade com os filhos... os filhos fazem o que quer... e os pais não têm mais autoridade... então assim... a mãe fala... vamos juntar coco... o filho fala... eu não vou... falou... está falado... No meu ponto de vista é autoridade que os pais não têm mais com os filhos... eles fazem o que eles querem".

Cícera, nesse momento, encara a falta de autoridade dos pais sobre os filhos como uma das causas da falta de participação juvenil com os saberes em questão, de modo que, sob sua perspectiva, a família deveria ter o compromisso de garantir que esse conhecimento tradicional fosse repassado de geração em geração. Além do mais, a extrativista destaca outros motivos:

> "[...] eles... além de ser um trabalho pesado... mas assim... se eles tivessem o amor que as mães têm... pelo trabalho... eles fariam aos poucos... só que eles... além deles não gostarem... eles têm vergonha também... eles gostam... quando a gente vai apresentar... a dança... aí eles gostam... eles gostam de viajar... e tem alguns que vão... nem para participar... é só para olhar... só para ver... só para sair da comunidade. Mas a maioria tem vergonha. A gente está tentando... com esse grupo novo que entrou... a gente convidou uns jovens para participar... para ir... incentivando eles a participar... mesmo que não vá para o mato buscar coco... nem quebrar coco... mas pelo menos se envolver... para ver se eles aprendem. A gostar, porque a gente tem que participar para



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> poder saber se vai gostar ou não. Mas do trabalho eles não gostam, é um trabalho pesado e eles têm vergonha".

Frente ao exposto, a entrevistada acredita que, além do trabalho ser considerado pesado, os jovens têm vergonha de executá-lo e de fazer parte dos conhecimentos tradicionais das quebradeiras de coco babaçu, e por isso a evidente falta de participação juvenil.

Outrossim, Cícera expõe as principais atividades que a juventude, quando participa, desenvolve com as quebradeiras de coco babaçu:

> "[...] esse[s] jove[ns] que est[ão] participando agora, tanto os meninos quanto as meninas, é assim, quando a gente vai juntar coco, quando a gente não tem dinheiro para pagar o catador, a gente reúne essa galera que está fazendo parte do grupo e todo mundo vai juntar. Quando a gente tem quebra de coco, porque assim a gente quebra três vezes por semana, para três companheiras diferentes, um dia para um, outro dia para outro e outro dia para outro, que são três vezes na semana. Esse jovem, eles ajudam, uns quebram, os meninos juntam as cascas, porque as mulheres não levantam, elas vão enchendo o saco de casca e eles vão tirando esse saco, colocando para longe da gente, tira de perto da gente, e vão colocando uns sacos vazios para a gente tornar encher. Então, eles fazem esse tipo de atividade, aí o outro vai fazer... encher o bujão para fazer o carvão, então, assim, esse grupo que a gente acolheu para incentivar a trabalhar, eles nos ajudam quando a gente está fazendo as atividades. Sem nada em troca".

Conforme evidencia a extrativista, os poucos jovens que participam auxiliam o ofício das quebradeiras de coco babaçu, oferecendo suporte, que ocorre desde a coleta dos cocos até o recolhimento das cascas para fabricação de carvão, sem espera de remuneração.

Ao perguntar se a renda proveniente da comercialização dos produtos do coco babaçu é suficiente para o seu sustento, Cícera responde:

> "[...] É assim, [...] se eu me dedicasse só ao babaçu, com certeza, daria sim para o meu sustento. Mas como eu mexo com outras coisas... eu não me dedico só ao babaçu... então assim... é um complemento. Mas eu garanto que se eu trabalhasse só com o babaçu eu ganharia muito bem... porque o babaçu é riqueza... tem de tudo... e tudo é valioso. O problema é que as quebradeiras não valorizam o próprio trabalho. A gente trabalha, manda os nossos produtos para outros vendedores, aí sim eles ganham dinheiro em cima da gente. Tivesse como fazer com que ele chegasse ao mercado, com certeza daria sim de sobreviver e muito bem".



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Acerca disso, a entrevistada acredita que a renda proveniente do coco babaçu, caso ela trabalhasse integralmente com a venda de seus produtos, seria suficiente para seu sustento. Porém, como ela possui outros trabalhos, o coco babaçu torna-se uma renda extra.

**4.2. Cleison Silva Portela**

Cleison Silva Portela tem 16 anos de idade, nasceu no município de Marabá/PA e foi criado, desde os 2 anos, na vila Santo Antonino. Está cursando, atualmente, a primeira série do ensino médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental Brasil Tropical, localizada próxima à comunidade, em Cajazeiras, parte de Itupiranga/PA. Como foi criado nesse local, Cleison sempre teve contato com as quebradeiras de coco babaçu, uma vez que sua mãe também faz parte desse grupo de extrativistas.

O entrevistado ajuda sua mãe, que trabalha como quebradeira de coco babaçu, e auxilia a comunidade, participando de atividades que envolvem a coleta, a quebra e a retirada do mesocarpo de coco babaçu, além da fabricação de carvão vegetal a partir das cascas do coco. Para a coleta do coco babaçu, reúne-se um grupo envolvendo adultos, jovens e crianças, os quais vão às matas locais e coletam, manualmente, o coco babaçu, que é transportado em um carrinho de mão. Após coletado, o coco babaçu passa por um processo de quebra, a fim de extrair sua amêndoa, em que é utilizado, tradicionalmente, um machado e um macete – pedaço de madeira cilíndrico –, ou, em alguns casos, a chamada cunha – equipamento semelhante ao machado, mas possuindo um cabo vertical ou apenas uma base de ferro, de modo a se firmar no chão sem precisar de apoio, permitindo que o quebrador(a) possa trabalhar, quando a ferramenta possui um cabo longo, sentado em uma cadeira. A retirada do mesocarpo de babaçu não é frequente, explica Portela, porém, quando a faz, ele utiliza uma faca ou um facão, para descascar o coco, e um macete, com a finalidade de desgrudar a massa que, conforme o entrevistado, fica segura no fruto. Após extrair a amêndoa do coco maduro, a casca é transformada em carvão vegetal, sendo queimada em tambores – nessa técnica, a matéria-prima é despejada no tambor aos poucos, até terminar o processo – ou no chão, e, ao final, o carvão é embalado em sacos, servindo para consumo próprio ou para comercialização.

A partir dessas atividades na comunidade, Cleison começou a ser chamado a participar de viagens voltadas a projetos relacionados ao MIQCB, que tinham o objetivo de buscar soluções aos problemas enfrentados pelas quebradeiras de coco babaçu, como a proibição feita pelos fazendeiros para que essas mulheres não tenham acesso aos babaçuais, por meio de jogos lúdicos e educativos. De acordo com o entrevistado, havia uma quantidade, que ele considera



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

"meio a meio", de jovens envolvidos nas viagens, e ela é relativa ao limite de financiamento dos projetos, que não suporta arcar com muitas despesas.

Quanto ao envolvimento juvenil em sua comunidade, Portela diz:

> "Nem todos se interessam, creio que precise de mais querer próprio da parte de muitos mas nem de todo, eles fazem parte de algumas parte do processo de juntar, tirar mesocarpo etc, mas ainda falta mais envolvimento da parte de muitos deles"

Frente a isso, é possível dizer que alguns jovens da vila até ajudam em algumas atividades do trabalho das quebradeiras de coco babaçu, mas falta gosto pelo que fazem, de modo que é incerto se irão guardar esse conhecimento para si e repassá-lo às próximas gerações.

Quanto aos motivos que levam ao desinteresse da maioria dos jovens pelo conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu, o entrevistado responde:

> "Creio que é algo pessoal deles mesmo, falta de querer ou de vontade própria deles mesmo. Por isso acho que um incentivo mais claro para eles ajudaria mais"

Cleison crê que a fonte da falta de interesse da juventude está baseada em decisões pessoais, entretanto, também acredita que algum tipo de incentivo pode ser capaz de alterar esse panorama, de modo que os jovens possam se envolver realmente com o conhecimento das mulheres extrativistas.

Ao ser perguntado se a renda obtida da comercialização do coco babaçu era suficiente para o seu sustento, Portela expõe:

> "Creio que essa renda que vem do coco babaçu é apenas uma forma de complementar algumas precisões [5]pessoais, mas que ainda sim não ajuda em todas as necessidades".

Em vista disso, o entrevistado vê a economia do coco babaçu como um complemento que ajuda a suprir certas necessidades, mas que age como uma renda extra.

### 4.3. Paulo Ricarto da Silva

Paulo Ricarto da Silva tem 54 anos de idade, nasceu em Britânia, localizada no estado de Goiás, e nela viveu até os 4 anos de vida. Após esse período, sua família migrou para Itupiranga/PA, onde reside atualmente. Possui formação em geografia pela Universidade Federal

[5] O termo "precisões" foi empregado pelo entrevistado no sentido de "necessidades", acepção registrada nos dicionários de língua portuguesa.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

do Pará – UFPA –, pós-graduação em educação ambiental, em história do Pará e em arqueologia.

Quanto ao seu envolvimento com as quebradeiras de coco babaçu, Ricarto explica como tudo começou:

> "Então, através dessa pós em arqueologia, dessa pesquisa, dessa observação da arqueologia e cultura material, eu já conhecia esse trabalho grande quando eu falei que migrei aqui para o Itupiranga, para o Pará, foi uma mudança muito grande. Eu morava no estado do Goiás, então, para vir para o Pará, a gente percebe, mesmo criança, eu percebi uma mudança da própria natureza que eu já observava e da cultura. A cultura foi muito grande e a gente não tinha esse costume do coco. Lá tem, claro, uma pequena escala, mas lá não se consome. A gente nem sabe o que é o coco babaçu lá no Goiás, exatamente no lugar onde eu moro, que é mais ali, próximo de Mato Grosso, então lá a gente não via essa cultura do coco. Quando eu cheguei aqui no Pará, eu via muito elas quebrando coco babaçu. Isso eu tô falando, né, do fato da década de 70 e início de 80, foi quando eu cheguei aqui, muito criança ainda. Então eu via elas, as mulheres daqui, inclusive no sítio que o meu pai comprou, elas pediam autorização e iam quebrar o coco. Pra nós, o coco não representava nada, mas pra elas eu já percebia que aquele coco era muito. Então depois que eu cursei geografia, fiz essa especialização, eu gostava muito dessa cultura daqui, tive a oportunidade de fazer, receber uma bolsa pra fazer... estudar a arqueologia, inclusive até hoje eu continuo nessa observação, né, e aí eu já tinha essa vontade de conhecer mais, essa cultura das quebradeiras de coco, que eu me aproximei mais, escrevi, era apenas para escrever um trabalho, para mandar, para tirar meus créditos de nota, mas eu gostei e continuei. Depois eu fiz mais um trabalho, observação, consegui trazer esse trabalho para dentro da escola onde eu trabalho e a escola abraçou, a gestão abraçou, alguns professores abraçaram esse trabalho e eu vejo que hoje esse trabalho ele continua [...]"

Além de seu trabalho no ambiente educacional, Ricarto participa do Programa de Ensino e Pesquisa da UPF – Universidade de Passo Fundo –, atuando como observador da cultura material das mulheres extrativistas.

Como professor, pesquisador e responsável por criar e implementar um projeto relativo às quebradeiras de coco babaçu na instituição de ensino em que trabalha, Ricarto avalia o envolvimento das novas gerações com os saberes tradicionais dessas mulheres extrativistas:

> "[...] é uma preocupação muito grande que nem só eu, [...], que eu participo como observador de várias ações que elas fazem, desse movimento que elas fazem. Então, a gente fica preocupado que a juventude não está muito



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> envolvida. Claro que tem bastante, mas numa escala pequena. E a gente fica preocupado dessa cultura, assim como tantas outras culturas se perderam, porque a juventude não quer mais. A juventude hoje, eu falo de forma mais genérica, a gente está preocupado mais com outras coisas, mais com uma coisa mais líquida, uma coisa mais muito superficial, e ainda tem um preconceito. Quando chega na cidade, é apontado para ela, 'ela é quebradeira de coco!'. Então quem é que quer ser apontado assim? Então a juventude muitas vezes fica preocupado de que forma vai ser julgado e muitas vezes está deixando essa cultura se perder. Eu nem culpo eles, porque eu sei qual é o peso que o capitalismo coloca, que a cidade coloca, que os outros jovens colocam, que a própria mídia coloca em cima deles, então eles não querem aquilo para ele. Que a própria escola, 'você tem que estudar para ser alguma coisa, como se fosse, como se a quebradeira de coco não é'. Então você tem que estudar. A própria escola, eu como professor, eu cobro muito isso. Você tem que estudar, você não vai continuar a cultura da tua mãe, da tua avó, sendo uma quebradeira de coco. Então isso é um erro, mas a gente bate nessa tecla, multiplica esse erro todos os dias da nossa vida. Por conta de tudo isso, essa cultura está sim, eu vou dizer assim, em fase de extinção. Talvez aí no futuro, não só a Palmeira, eu fico muito preocupado de não ter mais a Palmeira, por conta de tudo esse problema que a gente percebe, dos fazendeiros, a própria política que não tem a favor da defesa dessa palmeira, mas uma extinção também dessa cultura das quebradeiras de coco. Quando eu cheguei aqui em Itupiranga, aqui na cidade tinha muito. Hoje eu não vejo mais, eu vejo pontual. Ali no Tauiry, ali no Santo Antonino, ali no Benfica, ali em certo lugar. Então hoje a gente não vê mais essa cultura em grande escala."

Dessa forma, Paulo preocupa-se com a quantidade relativamente pequena de jovens envolvidos com a cultura das quebradeiras de coco babaçu, já que isso impacta diretamente no futuro desse conhecimento tradicional e da palmeira babaçu. Para ele, a culpa não é dos jovens, já que o preconceito, a pressão capitalista, social, midiática e até mesmo escolar fazem com que a juventude tenha receio de se envolver com esses saberes. Com isso, o entrevistado entende que a falta de participação das novas gerações, das escolas, dos políticos e do povo é por desconhecimento das mulheres extrativistas, uma vez que, para ele, é impossível defender uma coisa que não se conhece. Em virtude disso, Ricarto acredita que "se [...] conseguir levar esse trabalho, fazer esse trabalho chegar em mais escolas, fazer esse trabalho chegar na mão de mais professores, de mais alunos, eles vão também conhecer e, a partir daí, defender".

## 5. DISCUSSÃO



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Este estudo aborda três pessoas específicas, cada uma tendo ligações diferentes com a cultura das quebradeiras de coco babaçu: Paulo Ricarto como professor/pesquisador; Cleison como jovem estudante e participante do MIQCB; e Cícera como extrativista do coco babaçu. Todos os entrevistados relataram o pouco envolvimento da juventude com os saberes tradicionais das mulheres extrativistas e apresentaram preocupações quanto ao futuro desse conhecimento tradicional, já que sem uma população mais jovem que tome posse e perpetue esse saber, as trabalhadoras que hoje existem, quando envelhecerem e morrerem, o levarão consigo e ao esquecimento. Acerca disso, importa para este estudo não apenas evidenciar a pouca participação das novas gerações na cultura das quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, mas fazer uma análise crítica dessa falta de envolvimento e propor possíveis medidas que modifiquem esse cenário.

Nesse contexto, deve-se analisar os motivos apontados pelos entrevistados para a pouca participação das novas gerações com os saberes supracitados: o fato de o trabalho ser pesado, de ser desvalorizado economicamente, de haver pressão capitalista, social, midiática e escolar, de existir preconceito, de a juventude ter vergonha, e das instituições de ensino, dos políticos e do povo não conhecerem realmente as quebradeiras de coco babaçu.

Primeiramente, elucidam-se as dificuldades ergonômicas e estruturais na realização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu. Nesse sentido, o ofício dessas mulheres consiste, como já relatado por Cleison, em coletar o coco babaçu nas matas, levar ao ambiente em que ocorrerá a quebra e a extração da amêndoa e depois realizar outros procedimentos para a produção de diversos produtos. As cascas são transformadas em carvão, e quando o coco é destinado à extração do mesocarpo ele passa por outros processos, como a limpeza, o ato de descascar e o de descolar o mesocarpo do endocarpo.

Todas essas atividades citadas são feitas manualmente, mediante o uso de equipamentos como o macete, o machado e sacos de fibra, de modo a exigir bastante esforço físico, tanto de quem quebra quanto de quem traz o coco babaçu para ser quebrado, expondo os envolvidos a riscos de segurança – haja vista que se manuseiam ferramentas cortantes – e ergonômicos relacionados a posições, movimentos repetitivos e cargas pesadas. Frente a isso, vê-se a quantidade significativa de trabalhos braçais e manuais que, hodiernamente, não exigem mais uma grande quantidade de esforço físico para serem realizados, uma vez que equipamentos mecânicos facilitam os processos laborais, a exemplo de lojas de materiais de construção, as quais contam com o apoio de carrinhos de carga automatizados para transportar grandes pesos.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Em vista disso e do princípio de economia de energia ligado a cada atividade humana, que diz respeito à busca pela sobrevivência, é grande a probabilidade de que a juventude do povoado Santo Antonino não escolha exercer o trabalho das extrativistas, haja vista que há ofícios que exigem menos gasto energético. Além do mais, Cícera expõe que os jovens da vila, quando participam, ajudam a realizar as tarefas sabendo que não serão remunerados pela prestação de serviços, o que os desmotiva ainda mais.

Além do trabalho ser pesado, sua desvalorização econômica é outro fator que soma à problemática em questão. Em conformidade com Haq *et al*. (2023), o Conhecimento Ecológico Tradicional – CET –, o qual consiste no manejo sustentável dos recursos naturais praticado pelas comunidades tradicionais, o que inclui as quebradeiras de coco babaçu, é essencial para a reconstrução dos ecossistemas, haja vista que o consumismo e a superexploração da natureza, que são causados pelo sistema capitalista, estão prejudicando a qualidade dos serviços ecossistêmicos, os quais são imprescindíveis para o bem-estar dos seres humanos.

Entretanto, a população e o mercado não reconhecem o trabalho das quebradeiras de coco babaçu como um Saber Tradicional Ecológico, uma vez que não compreendem a importância desse conhecimento para o espaço natural, de modo que todos os seus produtos são vistos sob a ótica capitalista, a qual os desfavorece por não se encaixarem nos altos padrões de comercialização, como grande volume de produção e estratégias sofisticadas de marketing, por exemplo. Sua produção é submetida a essa visão, principalmente, devido à falta de iniciativa das secretarias de meio ambiente e de desenvolvimento econômico em ações que promovam conscientização social sobre o papel desempenhado pelas extrativistas na preservação ambiental e em estratégias que levem à valorização de seus produtos.

Consequentemente, o pouco valor atribuído ao trabalho das mulheres em questão faz com que os lucros obtidos não sejam suficientes para o seu sustento integral, de modo que essa atividade se torna somente uma “renda extra”, tal qual a fala de Cleison. Acerca disso, a juventude da vila Santo Antonino, ao observar que para conseguir sobreviver do coco babaçu é necessário muito esforço para ter condições financeiras que garantam o mínimo de dignidade, acaba buscando alternativas mais rentáveis.

Outrossim, a pressão imposta pelo capitalismo, pela mídia, pela sociedade e pelo próprio ambiente pedagógico corrobora a falta de interesse juvenil pelo saber tradicional supracitado. Consoante Reis (2023), a mídia, antes considerada apenas parte das instituições, se consolida como instituição quase independente, haja vista que existe uma relação de transformação mútua entre si e a sociedade, em que as pessoas fornecem dados para a criação de perfis ao mesmo tempo que se enquadram nessas categorias criadas.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Sua capacidade de globalização e manipulação permitiu ao capitalismo novas formas de agir, inaugurando um sistema econômico baseado na economia estética e na estetização do cotidiano, como elucida o autor, transformando os indivíduos e a própria escola em reféns da homogeneidade econômica, uma vez que os padrões de consumo passam a se consolidar como fatos sociais, que, quando não seguidos, geram pressão social (Bezerra, 2011-2026).

Dessa forma, os jovens, ao observarem o trabalho das quebradeiras de coco babaçu ser desvalorizado economicamente, acabam sendo pressionados pelo mercado, tendo em vista o fato de o serviço ser pouco lucrativo, pela população, a qual contribui para a manutenção dos padrões consumistas, e pelo próprio local de ensino, o qual, em vista das perspectivas capitalistas para o serviço das extrativistas, desencoraja a participação juvenil com os saberes tradicionais dessas mulheres por acreditar que trabalhar junto delas não dá futuro, como evidencia o professor Paulo, o que aumenta as taxas de desinteresse das novas gerações em tomar posse desse saber tradicional.

Ademais, o preconceito contra as quebradeiras de coco babaçu é outro ponto que vale ser destacado. Nesse sentido, Ferreira (2026b) acredita que a origem de um dos preconceitos de seu estudo relativos a essas mulheres possui raízes históricas em crenças negativas diretamente ligadas às comunidades tradicionais e ao pensamento europeu. Segundo o autor, os europeus utilizam o processo de industrialização e urbanização como critério para definir se um povo possui uma cultura superior ou inferior, criando estereótipos desfavoráveis que o próprio Brasil aderiu, mediante a globalização, de modo a criar um cenário de hostilidade para os povos tradicionais brasileiros, os quais, por não viverem sob os ideais urbanistas e industriais, acabam sofrendo discriminações oriundas desse preconceito.

No caso das extrativistas supracitadas, por terem sua cultura rotulada como inferior, acabam sendo alvos de uma piedade irracional, já que as pessoas, sob o efeito do estereótipo, acreditam que elas são “pobres”, no sentido de que o seu trabalho é tão precário que mal dá para sobreviver, o que leva, às vezes, a situações constrangedoras, em que as pessoas manifestam inconscientemente seu menosprezo pelo ofício dessas mulheres, de maneira a apontar o dedo, quando elas chegam na cidade, e exclamar: “ela é quebradeira de coco!”, como disse Ricarto. Nesse panorama, com base na fala e observações do professor, acredita-se que as novas gerações não querem viver sob constrangimentos, nem ter seu trabalho desvalorizado e tachado de inferior, como se não fosse um serviço digno, o que aumenta os motivos pelos quais os jovens do povoado não querem se envolver com o saber tradicional das trabalhadoras.

Consequentemente, os estereótipos formulados sobre a imagem das quebradeiras de coco babaçu fazem com que a juventude tenha vergonha de fazer parte dessa cultura. Em



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

conformidade com Bilenky (2014), a vergonha é um sentimento social, que faz parte do processo de subjetivação, e está profundamente ligada à imagem pessoal frente aos olhos dos outros e à moralidade, agindo como reguladora da relação entre o sujeito e o mundo que o cerca. Sendo assim, os jovens, ao se referirem às extrativistas, ficam envergonhados devido à percepção que as pessoas têm dessas mulheres, a qual, geralmente, menospreza seu trabalho, achando-o inferior e sem dignidade, de forma que, se eles se autorrotularem como participantes desse grupo populacional, terão suas imagens manchadas pelas crenças desfavoráveis frequentemente associadas a essas trabalhadoras. Dessa maneira, para não serem alvo de olhares de julgamento e muito menos de exclusão social, o público juvenil da comunidade, por vergonha, acaba se distanciando do conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu, a fim de não ser visto como integrante dessa comunidade extrativista.

Diante do exposto, a falta de conhecimento das instituições de ensino, dos políticos e do povo sobre as extrativistas do coco babaçu é um dos fatores que mais ameaçam o futuro do seu conhecimento. Nesse prisma, acerca da fala de Paulo, é impossível amar, zelar ou mesmo preservar algo que não se conhece. Com base nisso, muitas pessoas, escolas e agentes governamentais não se esforçarão para procurar alternativas que melhorem as perspectivas futuras do saber tradicional dessas mulheres, uma vez que não as conhecem e, por isso, não compreendem sua importância para o cenário ambiental atual. Portanto, fazer com que elas sejam conhecidas, reconhecidas e compreendidas é o primeiro passo para mudar esse panorama de futuro esquecimento.

Em segundo lugar, para desconstruir a mentalidade estereotipada das instituições de ensino, é essencial que os programas universitários que estudam as quebradeiras de coco babaçu, como o da Universidade de Passo Fundo, façam parcerias com as instituições de ensino regionais, a fim de que sejam criados projetos de iniciação científica no ambiente escolar voltados às extrativistas. Ao fazer isso, será desconstruída a ideia de que estudar as quebradeiras de coco babaçu é uma perda de tempo, tendo em vista que essa iniciativa será essencial para o sucesso acadêmico dos discentes. Além do mais, os desafios de financiamento do MIQCB descritos por Cleison serão superados, já que a falta de recursos financeiros não será um empecilho para a participação de mais jovens em pesquisas relativas a essas mulheres, uma vez que participarão de suas próprias escolas. A fim de corroborar essa iniciativa, o Ministério da Educação – MEC – deverá criar programas de incentivo financeiro à produção científica de estudantes que atuem diretamente com os saberes tradicionais, de maneira a dar ênfase à importância desses conhecimentos para o meio ambiente, cultivando um cenário de valorização, de reconhecimento e de combate ao preconceito.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Concomitantemente, o reforço de políticas públicas já existentes é importante para a causa em questão. Acerca disso, a Lei nº 14.119, de 13 de janeiro de 2021, prevê a Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais (PNPSA), a qual estabelece as diretrizes para a remuneração de todas as pessoas e povos tradicionais que atuam diretamente na manutenção, melhoria ou recuperação dos serviços ecossistêmicos, tais como preservação da biodiversidade, proteção dos recursos hídricos e regulação climática, por exemplo (Brasil, [2021]).

Nessa ótica, as quebradeiras de coco babaçu, como uma comunidade tradicional, se encaixam nos parâmetros dessa prerrogativa, haja vista que preservam a palmeira babaçu. Por esse motivo, propõe-se a criação de uma pequena variação desse benefício: uma bolsa de Pagamento por Serviços Ambientais voltada exclusivamente aos jovens integrantes de populações tradicionais, que deverá ser paga somente à juventude que estiver ativa na comunidade. Para o controle, cada povo tradicional deverá ter um representante frente ao ministério responsável, de modo a criar uma espécie de folha de presença para a participação juvenil nas atividades comunitárias, a fim de haver repasse transparente e justo das verbas.

Com esse incentivo, idealizado por Cícera e Cleison, os jovens da vila Santo Antonino terão motivos para se envolver com os conhecimentos tradicionais das mulheres em questão, continuando a auxiliar e até mesmo a desempenhar o ofício dessas extrativistas, de modo a aumentar as chances de sobrevivência desse saber.

Ao mesmo tempo, a Secretaria Nacional de Bioeconomia deverá promover melhorias estruturais, mediante o financiamento de equipamentos mecânicos que facilitem o ofício das extrativistas e reduzam as dificuldades ergonômicas, como a ferramenta da imagem 1.

**Imagem 1.** Ferramenta ergonômica para quebra e extração de amêndoas do coco babaçu



Fonte: Fundação BB (2021).



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

A imagem 1 é um aparelho mecânico manual desenvolvido pela Embrapa para facilitar o trabalho das quebradeiras de coco babaçu. Ele possui um sistema que permite às extrativistas quebrar o coco babaçu sentadas em uma cadeira, sem o uso do machado ou do porrete de madeira, já que a ferramenta possui uma alavanca giratória que leva a parte cortante ao encontro do coco babaçu. Isso é um avanço significativo para o trabalho dessas mulheres, haja vista que reduz o número de acidentes e problemas de saúde relacionados à ergonomia.

Ao financiar e distribuir equipamentos como esse entre as comunidades de quebradeiras de coco babaçu, haverá melhorias, além de ergonômicas, econômicas, uma vez que o pouco esforço exigido torna possível aumentar a produção e a renda, consequentemente. Além do mais, a mesma secretaria pode estar investindo no marketing e na divulgação dos produtos dessas mulheres, por meio da criação de estratégias de venda, da elaboração de embalagens atrativas e de propagandas em canais televisivos regionais. Com tudo isso, o trabalho das extrativistas deixará de ser visto como um ofício sem dignidade e passará a ser respeitado pelas pessoas.

De maneira geral, ao promover o reconhecimento e a valorização do trabalho das quebradeiras de coco babaçu, seja por meio de estratégias de comercialização, de projetos escolares de iniciação científica, de melhorias estruturais e ergonômicas e de incentivos financeiros, muitos dos desafios apresentados pelos entrevistados poderão ser superados, haja vista que se desconstruirá a ideia estereotipada de que a cultura das mulheres em questão, assim como o seu ofício, é inferior; de que estudar a respeito delas não dá futuro e de que seu trabalho é muito pesado e pouco compensatório. Sob essa nova perspectiva, acredita-se que os jovens da vila Santo Antonino sofrerão menos com as pressões impostas pelo capitalismo, pela mídia, pela escola e pelo corpo social sobre as atividades laborais das extrativistas supracitadas, além de que não haverá razões lógicas para terem vergonha de se envolver com o saber dessas mulheres, já que será reconhecida sua importância enquanto comunidade tradicional na preservação do meio ambiente. Com a realização das medidas discutidas, poder-se-á dar sentido à participação juvenil com os saberes tradicionais das quebradeiras de coco babaçu e, como consequência, modificar o cenário preocupante que ameaça o futuro do conhecimento dessas trabalhadoras.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos relatos dos entrevistados, observou-se que as novas gerações pouco estão contribuindo para a perpetuação dos saberes das quebradeiras de coco babaçu da



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

comunidade Santo Antonino, e que essa falta de envolvimento ocorre devido a vários motivos, os quais, resumidamente, são relacionados à desvalorização econômica, social e cultural do trabalho dessas extrativistas. Com isso, o objetivo geral e os objetivos específicos traçados foram alcançados, haja vista que as causas do problema em questão foram analisadas e explicadas mediante hipóteses, o que permitiu a sugestão de possíveis medidas de prevenção, de modo a levar à compreensão do fenômeno em estudo no universo investigado, à resposta da pergunta de pesquisa e à confirmação da hipótese geral.

Ademais, enfrentaram-se dificuldades durante o processo investigativo relacionadas ao espaço e à definição metodológica. Nesse prisma, a longa distância entre a cidade e a comunidade Santo Antonino dificultou a coleta das assinaturas dos entrevistados do Termo de Autorização para Participação e Divulgação de Informações Pessoais, tendo em vista a precariedade no deslocamento devido à falta de transporte. Além do mais, a escassez de trabalhos sobre a temática, principalmente os que utilizam como metodologia o estudo de caso, tornou difícil a construção do esqueleto investigativo deste artigo, visto que não houve referências metodológicas suficientes.

Em outra perspectiva, vale pontuar as vantagens metodológicas. Nesse sentido, o estudo de caso, como abordagem metodológica, ampliou o campo de visão científico sobre as quebradeiras de coco babaçu da vila Santo Antonino, permitindo conhecer profundamente sua realidade e suas dificuldades, o que viabilizará, além de novas pesquisas, propostas concretas que poderão melhorar as condições relacionadas ao seu ofício. Nesta pesquisa, a participação de três pessoas diferentemente ligadas à cultura das extrativistas da localidade já citada aumentou o leque de possibilidades quanto à compreensão das causas do problema investigado. No que diz respeito às entrevistas, o *WhatsApp* e a Blip ViraTexto desempenharam um papel essencial nesta investigação, já que o aplicativo de mensagens permitiu a superação das barreiras geográficas, uma vez que possibilitou discorrer sobre o povoado supracitado sem necessariamente visitá-lo, enquanto a ferramenta de transcrição facilitou o tratamento das mensagens de áudio e o registro dos dados.

Durante a investigação, constatou-se que a falta de apoio governamental, escolar, social e o preconceito são as principais causas do pouco envolvimento juvenil com o saber tradicional das quebradeiras de coco babaçu do povoado Santo Antonino, visto que contribuem para a desvalorização econômica de seu trabalho e para a perpetuação de estereótipos negativos referentes à sua cultura. Além disso, evidenciou-se que a juventude da vila em questão interage com o conhecimento supracitado de duas formas: auxiliando e desempenhando o ofício das



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

extrativistas diretamente e participando de projetos educacionais e pesquisas relativas às lutas dessas mulheres indiretamente, a exemplo de Cleison.

Em conclusão, é fundamental que as instituições sociais e estatais reconheçam a importância do conhecimento tradicional das quebradeiras de coco babaçu para o meio ambiente e o futuro do globo, com a finalidade de proporcionar melhores condições estruturais e econômicas ao ofício dessas mulheres, de modo que as novas gerações possam ter motivos para tomar posse desse saber e perpetuá-lo. Tendo isso em vista, sugerem-se novas pesquisas que estudem as propostas deste artigo, a fim de ou colocá-las em prática ou utilizá-las de referência para a criação de novas medidas de prevenção. Paralelamente, propõe-se investigar outras comunidades de mulheres extrativistas sobre a mesma temática, com o fito de verificar se elas enfrentam os mesmos desafios do grupo extrativista supracitado, para que aumente o número de estudos a esse respeito, demonstrando a urgência da problemática.

## AGRADECIMENTOS

Aos entrevistados Paulo Ricarto da Silva, Cleison Silva Portela, Cícera da Silva e Manuel Gomes Neto, por aceitarem me ajudar nesta pesquisa com seus valiosos relatos de vida.

À Profa. Dra. Karen Cristina Pires da Costa, docente da Unifesspa, a qual, em uma simples conversa, conseguiu me ajudar com ideias que foram cruciais para este artigo.

## REFERÊNCIAS

BEZERRA, J. **O que é fato social?** [S. l.]: Toda Matéria, c2011-2026. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/o-que-e-fato-social/. Acesso em: 05 set. 2026.

BILENKY, M. K. Vergonha: sofrimento e dignidade. **Ide**, São Paulo, v. 37, n. 58, p. 133-145, jul. 2014. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v37n58/v37n58a12.pdf. Acesso em: 06 set. 2026.

BRASIL. **Dados do Deter indicam redução dos alertas de desmatamento na Amazônia e no Cerrado no intervalo de 2025-2026**. [Brasília]: Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, 07 ago. 2026. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/noticias-defeso-eleitoral/dados-do-deter-indicam-reducao-dos-alertas-de-desmatamento-na-amazonia-e-no-cerrado-no-intervalo-de-2025-2026. Acesso em: 15 ago. 2026.

BRASIL. **Política Nacional de Pagamento por Serviços Ambientais**. [Brasília]: Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, [2021]. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/composicao/sbc/dpeb/politica-nacional-de-pagamento-por-servicos-ambientais. Acesso em: 08 set. 2026.

BRASIL. **Povos e Comunidades Tradicionais**. [Brasília]: Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima, [2022?]. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/povos-e-comunidades-tradicionais. Acesso em: 15 set. 2026.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

COIMBRA, M. de N. C. T.; MARTINS, A. M. de O. O estudo de caso como abordagem metodológica no ensino superior. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 3, p. 31-46, set./dez. 2013. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2696/2360. Acesso em: 11 set. 2026.

DICIONÁRIO INFORMAL. [Diferença entre povoado e vila]. [S. l.]: Dicionário InFormal, c2006-2026. Disponível em: https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/povoado/vilas/. Acesso em: 19 set. 2026.

FERREIRA, A. R. Análise do bioplástico feito a partir do mesocarpo de babaçu como alternativa às sacolas plásticas descartáveis e impulsionador do desenvolvimento sustentável das quebradeiras de coco babaçu. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar – ISSN 2675-6218**, v. 7, n. 8, p. e788744, 06 ago. 2026a. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v7i8.8744. Disponível em: https://recima21.com.br/recima21/pt_BR/article/view/8744/5817. Acesso em: 15 ago. 2026.

FERREIRA, A. R. Análise dos preconceitos referentes às quebradeiras de coco babaçu. **RECIMA21 – Revista Científica Multidisciplinar – ISSN 2675-6218**, v. 7, n. 4, p. e747640, 10 abr. 2026b. DOI: https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7640. Disponível em: https://recima21.com.br/recima21/pt_BR/article/view/7640. Acesso em: 30 ago. 2026.

FUNDAÇÃO BB. **Ferramenta Individual Para Quebra De Coco Babaçu.** [São Luís/MA]: Fundação BB – Transforma! Redes de Tecnologias Sociais, [2021]. Disponível em: https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/ferramenta-de-quebrar-coco-babacu. Acesso em: 09 set. 2026.

GERHARDT, T. E. *et al*. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 65-87. Disponível em: https://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 14 set. 2026.

GOMES, L. M. Q. **Saberes tradicionais na promoção da educação ambiental e saúde no ambiente escolar: um estudo de caso com quebradeira de coco babaçu em Codó/MA**. Orientadora: Profa. Dra. Kelly Almeida de Oliveira. TCC (Especialização em Educação Ambiental e Sustentabilidade) – Universidade Federal do Maranhão, Codó/MA, 2024. Disponível em: https://rosario.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/8008/1/Luiza_Maria_Quaresma_Gomes_TCC.pdf. Acesso em: 13 set. 2026.

GUITARRARA, P. **Desenvolvimento sustentável**. [S. l.]: Brasil Escola, c2025. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/geografia/desenvolvimento-sustentavel.htm. Acesso em: 15 set. 2026.

HAQ, S. M.; PIERONI, A.; BUSSMANN, R. W.; ABDELGAWAD, A. M.; EL-ANSARY, H. O. Integrating traditional ecological knowledge into habitat restoration: implications for meeting forest restoration challenges. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 19, n. 33, 2023. DOI: https://doi.org/10.1186/s13002-023-00606-3. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1186/s13002-023-00606-3. Acesso em: 03 set. 2026.

MIQCB. **Babaçu livre: o que é a Lei Babaçu Livre?** São Luís/MA: MIQCB, 30 jul. 2024. Disponível em: https://miqcb.org.br/babacu-livre/. Acesso em: 15 ago. 2026.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

MITJA, D.; MIRANDA, I. Biodiversidade espontânea nos agrossistemas: plantas silvestres úteis e plantas invasoras. In: SEYLER, F. (coord.). **Trajetórias de pesquisa na Amazônia brasileira: o IRD e seus parceiros**. Marseille: IRD Éditions, 2022. p. 148-174. Disponível em: https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/2023-08/010087864.pdf. Acesso em: 15 ago. 2026.

REIS, G. Cotidiano, mídia e capitalismo: estetização do faroeste em Westworld. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 35, p. 68-78, jan./jun. 2023. Disponível em: https://revista.fumec.br/index.php/mediacao/issue/view/481. Acesso em: 05 set. 2026.



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.